

VESTIR NÔMADE: TRAJETO COMO EXPERIÊNCIA

Agda Carvalho / Universidade Anhembi Morumbi
Edilson Ferri / Faculdade Impacta Tecnologia

RESUMO

A reflexão destaca o vestir como abrigo do corpo em movimento, e a percepção do percurso e das impregnações que este corpo carrega em transito. Este texto enfoca o sentido da experiência sensorial no deslocamento corpóreo, um comportamento com um certo nomadismo, já que o corpo delinea um percurso, com um trajeto planejado ou em deriva, este caminho é mediado pela condição do vestir, que interfere na organização corporal e acumula em sua superfície os indícios de uma vivência. Estas estruturas vestíveis envolvem o corpo no trajeto e determinam comportamentos e ações durante a experiência nas espacialidades. As movimentações e trânsitos como um acontecimento perceptivo considera para esta reflexão o experimento nº3 do artista Flávio de Carvalho (1899–1973), o Parangolé de Hélio Oiticica (1937–1980) e o trabalho do Studio Orta, dos artistas Lucy Orta (1966) e Jorge Orta (1956).

PALAVRAS-CHAVE

corpo; espaço; vestir.

ABSTRACT

The reflection highlights the dress as under the moving body , and the perception of the route and the impregnation that this body carries in transit . This text focuses on the meaning of sensory experience in body displacement behavior with a certain nomadism as the body outlines a route, with a planned or drift path , this path is mediated condition of the dress , which interferes with the body and organization accumulates on its surface indications of an experience . These wearable structures involve the body in the path and determine behaviors and actions during the experiment in spatiality . The changes and transits as a perceptive event considered for this reflection the No. 3 artist experiment Flávio de Carvalho (1899–1973), the Parangolé of Hélio Oiticica (1937–1980) and the work of Studio Orta , artists Lucy Orta (1966) and Jorge Orta (1956) .

KEYWORDS

body; space; wear.

O texto traz a discussão da possibilidade sensória do corpo, articulado com as situações contemporâneas, que apresentam uma instabilidade sociocultural, onde esta condição pode despertar ou solicitar, uma variedade de atitudes do corpo no espaço. A reflexão destaca o vestir, como o abrigo do corpo em deslocamento, aborda a característica nômade, em que a percepção do percurso e das impregnações deste trânsito, levam a uma experiência corpórea, onde muitas vezes, modifica e transforma a estrutura vestível, ao manifestar como reação ao deslocamento no espaço. A partir do diálogo com as distintas situações e questões socioculturais o transeunte realiza deambulações, percorre distâncias, experimenta trajetos, e neste transitar, habita uma estrutura vestível que traz marcas deste trajeto, potencializando assim, um imaginável significado do corpo, do lugar e da construção do caminho para este indivíduo. Este corpo agora, adota um certo nomadismo, movimenta-se em busca de conexões, reconhece o caminho, e assim, deixa rastros e acumula os indícios de uma vivência com a absorção das distintas interferências do entorno.

Este comportamento aparentemente nômade, coloca-se aqui primeiramente como campo aberto para a experimentação de um vestir que acompanha o percurso do corpo, ou seja um vestir em trânsito, e que apresenta um uma reflexão estética dos deslocamentos programados. Abordaremos o deslocamento desgarrado das normas, e é neste vestir, articulado com as questões que o circundam que o caminhan-te escava significados e pode manifestar subjetividades. Como aponta Careri:

O espaço nômade é um infinito vazio desabitado e muitas vezes impraticável: um deserto em que é difícil orientar-se, como um imenso mar onde o único rasto reconhecível é um sulco deixado pelo caminhar, um rastro móvel e evanescente. (2002, p.40; 42)

Observa-se, para esta reflexão, as proposições dos artistas brasileiros Flávio de Carvalho (1899–1973) e Hélio Oiticica (1937–1980), em que o vestir é um espaço construído para o organismo, como o lugar da experimentação, vivenciada durante o deslocamento e movimentação. E o Studio Orta, da artista Lucy Orta (1966) e Jorge Orta (1966) que propõe um vestir que abrigue o sentido do deslocamento, ao enfrentar as intempéries, os conflitos e as tensões, com os envoltórios. O experimento nº 3 (1956), de Flávio de Carvalho, é uma proposta que programa um deslocamento e um vestir, em um determinado trajeto. Com os Parangolés (1960–1970) de Hélio

Oitocica, o vestir traz, na sua estrutura, o percurso labiríntico da favela da Mangueira em texturas e na variedade de tecidos, nos acúmulos vestíveis que propõem a movimentação. E Lucy e Jorge Orta discutem a proposta de uma arquitetura vestível móvel preocupada com o abrigo, condição do deslocamento, e da falta de lugar. “Se o espaço for, genuinamente, a esfera da multiplicidade, se for o reino das trajetórias múltiplas, então haverá, também, multiplicidades de imaginações, teorizações, compreensões, significados (MASSEY, 2008, p.136). O deslocamento e a movimentação e a conduta do corpo no espaço são observados a partir de Francesco Careri, e a significação do vestir é abordada segundo as discussões de Joanne Entwistle.

O espaço é mais que distância. É a esfera de configurações de resultados imprevisíveis, dentro de multiplicidades. Isto considerado, a questão realmente séria que é levantada pela aceleração, pela “revolução nas comunicações” e pelo ciberespaço não é se o espaço será aniquilado ou não, mas que tipos de multiplicidades (padrões de unicidade (*uniqueness*) e relações serão co-construídas com esses novos tipos de configurações espaciais. (MASSEY, 2, p.139)

A leitura trata do vestir/experiência ao questionar as experimentações e as proposições que atendem as aspirações de um tempo e lugar. Indaga sobre a constituição de outras possibilidades do corpo em trânsito, nas espacialidades e na produção contemporânea. Já que observa a imprevisibilidade das reações e as conectividades locais. O corpo enfrenta singularidades, com as experiências do trajeto, em que o vestir abriga o organismo e abre mundos com o evento perceptivo.

Vestir em trânsito

Os distintos contextos vivenciam comportamentos de deslocamento, em um momento em que se observa o surgimento das redes de trânsito. “A distância é uma condição da multiplicidade, mas igualmente ela própria não seria pensável sem a multiplicidade” (MASSEY, 2008, p.138)

O caminho é marcado com a atitude corpórea e o vestir é uma ação de construção do espaço de experimentação durante a realização do percurso. O envoltório acompanha o corpo, durante as explorações, e estimula percepções e trocas entre os acontecimentos no espaço. Ao estar habitado pelo vestir o corpo, nesta situação, é também intermediado pela condição de exploração.

O espaço construído tem uma dupla caracterização: de um lado, demarca as formas de apropriação do espaço urbano: de outro, estas marcas representam o elemento comum de mútuo pertencer entre o espaço e a coletividade que o dinamiza. Nesta dimensão, o design do espaço é sua apropriação e identidade social. (FERRARA, 2002, p.15)

O experimento nº 3, de Flávio de Carvalho, em 1956, apresenta a idealização de um caminhar com outro vestir, distante das normas e regras sociais do contexto, com o seu New Look tropical. E assim, quando o artista percorre o caminho, com um perambular, no centro da cidade, em um lugar já conhecido anteriormente, apresenta outra percepção corpórea com o deslocamento. Uma ação anunciada antecipadamente, fato que gera um aglomerado de pessoas, e estas acompanham o movimento performático, como uma romaria, um séquito.



Flávio de Carvalho (1899–1973)
Experimento nº 3, 1956

Esta junção de corpos em movimento, ordena outro ritmo para o cotidiano, e assim altera a paisagem urbana, do centro da cidade, com esta intervenção, ocasionando outra experiência com o trajeto. Esta alteração perceptiva acontece tanto para o artista, que vestia uma saia, uma meia arrastão, uma camisa com tecidos leves, ou seja, estruturas contrárias ao cotidiano do período. Como também, o observador participador vivencia outra percepção do caminho, com a passagem daquele vestir.

O lugar corresponde ao eixo dos fluxos e supõe, portanto, uma instabilidade que prevê cisões e imprevistos que indiciam o jeito de ser de uma cidade e do cotidiano que escreve a história dos instáveis sentidos dos lugares. (FERRARA, 2002, p.127)

O Parangolé, de Hélio Oiticica, surge a partir da vivência dos caminhos labirínticos do morro da Mangueira, a musicalidade que ecoa da favela, as variações de camadas de materiais, que conjugam as superfícies que são sobrepostas nas construções não planejadas. A ampliação da mesma edificação anuncia a proliferação do lugar, em vielas, cruzamentos, moradias brotam uma ao lado da outra. E a mistura de culturas, a sobreposição de desejos, inquietações, aflições que compõem os trajetos e a sonoridade da favela. Esta vivência da favela da origem aos diferentes tecidos que compõem a estrutura do Parangolé. A proposição de Hélio Oiticica amplia questões da localidade do morro para outros territórios, com a possibilidade da experiência do vestir.

O Parangolé, como dizia Oiticica, implica todo um programa. Vai muito além do objeto – as capas, tendas e estandartes. É também um processo complexo de busca da ambiência das favelas (samba/sociedade/arquitetura) que não passa pelo formalismo simplista ou estetizante. (JACQUES, 2011, p. 40)



Hélio Oiticica (1937–1980)
Parangolé P15, Capa 11 – Incorporo a Revolta, 1967

A experiência apresenta os indícios de um lugar, um percurso que se prolonga em significações com o ambiente corporal. A movimentação está articulada com as camadas de tecidos, que solicitam uma atitude corporal. A pulsação da vida cotidiana da favela, com um trânsito sinuoso, prolonga a experiência para novos sentidos.

A proposta Refuge Wear, iniciada em 1992, por Lucy Orta e Jorge Orta trata do acolhimento de corpos em deslocamento, enfoca a população nômade, que está sem abrigo, ou em uma localização periférica com dificuldades. Este projeto é um vestir que apresenta estruturas com variações, pois aborda a questão da mobilidade, como um lugar de acolhimento após o deslocamento, que pode se transformar em uma forma vestível que, ao mesmo tempo é uma habitação portátil. Como o corpo em movimento alarga a rede de intercâmbios e estabelece relações com a movimentação, pode-se destacar o projeto Refuge Wear, como o lugar das trocas e do encon-

tro de um refúgio com acessórios para a proteção e sinalização do perigo como apitos e lanternas. Também observa os atributos ergonômicos do espaço e os aspectos tecnológicos da materialidade para a pesquisa projetual.



Studio Orta – Lucy Orta (1966) e Jorge Orta (1956)
Refuge Wear – Habitent, 1992–1993

O abrigo atende o transeunte no trajeto percorrido, como uma armadura tecnológica contra os efeitos claustrofóbicos do estreitamento espacial. Nesta condição, o corpo se organiza e extrai significados intensos e distintos com o percurso, pois se conecta a cada experiência realizada durante o trajeto, e no embate perceptivo com uma das estruturas *Refuge Wear*, pode revelar suas potencialidades quando em confronto com as espacialidades. Neste embate pode acontecer um turbilhão de sensações e o despertar de múltiplos encontros sensoriais.

Vestir e a experiência

A característica nômade do deslocamento engloba uma infinidade de encontros perceptivos. O corpo transita com as suas estruturas vestíveis e evoca os conflitos, os embates, e as conquistas do seu percurso. O vestir, quase sempre, denuncia a experiência vivencial, já que, acompanha o caminhante e capta os ecos de suas tensões.

O espaço apresenta-se como um sujeito ativo e pulsante, um produtor anônimo de afetos e de relações. É um organismo vivente, com um caráter próprio, um interlocutor que tem repentes de humor e que pode ser frequentado para instaurar u intercâmbio recíproco. (CARERI, p.78 e 80.)

O vestir proposto com o experimento no 3, de Flávio de Carvalho ordena as fases de apresentação de um vestir, é um evento perceptivo, orquestrado pelo artista, desde a escolha do caminho a ser percorrido, o anúncio da ação e o projeto de um vestir que vai contra os padrões de comportamento do contexto. Todo o acontecimento consistia em uma performance/ desfile no centro da cidade, a entrevista com Jornalistas do Diário Associados, e, a realização no Clubinho, o Clube de Artistas e Amigos da Arte, de uma palestra e um Baile do Traje do Futuro (STIGGER, 2014).

Um vestir completamente inusitado para o ambiente com uma saia com um comprimento acima do joelho e com pregas, uma camisa leve transparente, sandálias e meia arrastão. Um vestir para o clima tropical causa um alvoroço e uma movimentação de uma coletividade. O vestir materializa uma ideia e concebe um estado de consciência ao envolver o corpo que manipula a matéria e altera o espaço com a experiência. Um invólucro de onde emerge o ser que invade e/ou ocupa lugares e ambientes diversos. Um acontecimento que origina uma ação e um diálogo com a materialidade que cobre a superfície da pele.

O Parangolé de Hélio Oiticica materializa uma situação relacional, e neste entrecruzamento arte e vida, aponta um percurso em constante movimento, não é estático, mas está em ebulição. O vestir Parangolé abre fendas de experimentação pois desenha trajetos, como um explorador de territórios, um nômade, cujo o vestir está impregnado das vivências, trocas sociais e rodas de samba e segue ampliando o seu caminho com os estímulos externos e um rastro de subjetividade.

A variedade de texturas e as possibilidades da estrutura manifestam na experiência individual o sensível, este vestir que elabora um caminho ritmado e intenso, como um desbravador que transcende a aparência ao revelar as questões vivenciadas no espaço.

Sensibilidade, volição e pensamento – outrora atributos ou modos de ser da ‘alma’ – estão presentes em toda parte no corpo: cada uma de

nossas células, de nossos órgãos com suas funções, são 'sujeitos', na medida em que são dotados de um regime próprio, insondável de pensar, sentir e querer [...]. (GIACOIA Jr, p. 211)

Hélio Oiticica propõe com o Parangolé, um vestir que é um receptáculo de subjetividades, uma estrutura mole e adaptável, que abriga o corpo e suas inquietações durante a vivência, e assim, dilata os significados com os fluxos e provoca infindáveis experimentações.

Ao adentrar as possibilidades das propostas do abrigo vestível Refuge wear, de Lucy Orta e Jorge Orta, apresenta como características a mobilidade deste habitar. Os sentidos neste acolhimento estão submersos na relação corpo e vestir, as propriedades determinam os direcionamentos para um habitar/incorporar. O corpo imerso em um vestir espacial, representa e questiona as distintas maneiras do ser, e manifesta as possibilidades de articulação com as problemáticas e conflitos do trajeto. O abrigo questiona o sentido assistencial, neste contexto, de confrontos e tensões, com uma sonoridade, um alerta. Para os transeuntes sem abrigo que deixam os rastros de uma existência. O que leva a escolha por um nomadismo, uma aventura territorial e multicultural, em que o destino é incerto, o caminho improvável, mas, em algumas circunstâncias a única opção. O vestir proposto com Refuge wear atende e adapta-se aos diferentes fatos e condições do entorno para a experiência do transeunte. A estrutura vestível abriga as possibilidades perceptíveis com a experiência e evidencia os atributos projetuais que podem sanar as necessidades corpóreas com a realização de um deslocamento que desperta o sentido das histórias, o arquivo de memórias e a descoberta de trajetos.

Considerações finais

Considera-se nesta reflexão o deslocamento como prática poética, em que o corpo e o vestir estão em transito, com uma ação que provoca uma rede de experimentações, a partir de reações que surgem de inquietações, conflitos e tensões, ou apenas uma vontade exploratória de percorrer espacialidades. É importante enfatizar que as misturas das ações praticadas e das propostas conceituais abarcam uma diversidade de interesses nas realizações artísticas.

Destaca-se que a condição do corpo em deslocamento estimula histórias, e relações, e estas resultam em um emaranhado de acontecimentos instáveis com a experiência. Como a experiência vivenciada com o experimento no 3 de Flávio de Carvalho e os Parangolés de Hélio Oiticica, em que a estrutura vestível articula com o espaço, e nesta movimentação, acumula vivências de um caminho percorrido, atitude que contribui para a demarcação de território. Já que é no vestir que os rastros estão manifestados, que a ancestralidade permanece, ou que um desejo de mudança está vinculado.

Com a proposição Refuge wear , de Lucy Orta e Jorge Orta encontra-se a inter-relação das minúcias com o vestir, que recebe o transeunte, onde este revela o cruzamento dos desejos e inquietações nas espacialidades. O espaço, quando habitado, desvela subjetividades, e nesta condição, favorece uma infinidade de combinações e a dilatação dos sentidos.

Ao observar o vestir/corpo em transito percebe-se que o corpo que está no espaço, experimenta este lugar como um envoltório de significações. Ao vestir o corpo na sua totalidade, pode-se acessar um território de sensações. Um lugar em que o corpo vislumbra um estado de coisas, com o vestir individual e/ou coletivo.

A leitura do vestir/experiência evidencia a questão de estar no mundo com a experimentação, em que as características do corpo, ocasionam uma explosão de percepções e sentidos.

Esta circunstância causa uma transformação, pois redesenha outra atitude com um vestir nômade, que invadem outras fronteiras de atuação com a movimentação e constroem narrativas e subjetividades com a experiência.

Referências Bibliográficas

CARERI, Francesco. *Land & Scapes Series: Walkscapes el andar como práctica estética*. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

CAUQUELIN, Anne. *Arte Contemporânea*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ENTWISTLE, Joanne. *The Fashioned Body: Fashion, dress and modern social theory*. Maiden: Polity Press, 2000.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. *Design em espaços*. São Paulo: Edições Rosari, 2002.

JACQUES, Paola Berenstein. *Estética da ginga – A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro, 2011.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

GIACOIA Jr, Oswaldo. *Resposta a uma questão: o que pode um corpo?* In Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo (org). Daniel Lins e Sylvio Gadelha. Rio de Janeiro: Relume Damará, 2002.

Paraguai, Luisa; Carvalho, Agda. *Poetics of body-space articulations*. In: Proceeding of the 4th Computer art congress – Computer art and design for all. Rio de Janeiro: School of Fine Arts; Federal University of Rio de Janeiro, 2014. p. 75-83.

SARAMAGO, Ligia. *A topologia do Ser: lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2008.

STIGGER, Veronica. *Flavio de Carvalho: arqueologia e contemporaneidade*. Disponível em:<

<http://mariantonia.prceu.usp.br/celeuma/?q=revista/4/dossie/flavio-de-carvalho-arqueologia-e-contemporaneidade>> Acesso em 18 de maio de 2015.

<http://www.studio-orta.com/en/lucy-orta>> Acesso em 5 de junho de 2015.

<http://www.nasentrelinhas.com.br/noticias/costurando-ideias/349/o-new-look-de-flavio-de-carvalho/> Acesso em 8 de junho 2015

<http://www.obrasilcoms.com.br/2013/08/parangole-por-helio-oiticica/> Acesso em 8 de junho de 2015

Agda Carvalho

Artista visual, pesquisadora de arte contemporânea. Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP (2002). Mestre em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da UNESP (1995). Atualmente é docente e pesquisadora do Doutorado e Mestrado em Design da Universidade Anhembi Morumbi. Atua na linha de pesquisa Teoria, História e Crítica do Design. Coordena o grupo de estudos Design, Moda e Corpo: Narrativas e Contaminações. Líder do Grupo de Pesquisa: Design e Corpo: Abordagens Projetuais na Arte e Moda, onde coordena e desenvolve pesquisas em Artes Visuais, Arte/Design e Corpo/Design no contemporâneo.

Edilson Ferri

Artista plástico, pesquisador das questões da imagem, arquiteto e urbanista pelo Centro Universitário Belas Artes São Paulo. Mestre em Poéticas Visuais (Instituto de Artes – Unicamp). Docente da Faculdade Impacta Tecnologia no curso de Design de Mídia Digital.